

## SEMIÓTICA: SIGNOS DA IMAGEM E DO IMAGINÁRIO DA PAISAGEM DE FEIRA DE SANTANA

**Ana Paula Pereira dos Santos<sup>1</sup>; Nadia Virginia Barbosa Carneiro<sup>2</sup>**

1. Bolsista PIBIC/CNPQ, Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: paulasemprecomjesus@hotmail.com
2. Orientadora Prof<sup>a</sup>. Doutora em Comunicação e Semiótica, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nadiavifotos@yahoo.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade, Imagem, Imaginário.

### INTRODUÇÃO

Feira de Santana é um município brasileiro do estado da Bahia, situado a 107 km de sua capital, Salvador, à qual se liga através da BR-324. É a segunda cidade mais populosa do estado da Bahia, encontra-se num dos principais entroncamentos de rodovias do Nordeste brasileiro, das BRs 101, 116 e 324, funcionando como ponto de passagem para o tráfego que vem do Sul e do Centro Oeste e se dirige para Salvador e outras importantes cidades nordestinas. Graças a esta posição privilegiada e à distância relativamente pequena de Salvador, possui um importante e diversificado setor de comércio e serviços, além de indústrias de transformação, consoante afirmara Oliveira (2000).

Caso seguisse meramente descrevendo Feira de Santana como é apresentada deveria também focar todo o seu pretérito, que está contido e pode ser identificado nos limites, marcos, vias, pontos nodais e bairros, escrito nos ângulos das largas ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos de escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, logo se apenas assim prosseguisse não falaria da proposta deste projeto. Na tentativa de captar a cidade de vivê-la, de atravessá-la é importante ser um *flanêur*, (Benjamin, 1989), dar-me a perder nos cruzamentos para conhecer a geografia da cidade a fim de perceber se existem várias cidades de Feira no campo real e no campo imaginário. O modo de representar a realidade e a sua qualidade de visualização que estão contidas nas lutas de representações no sentido de imagens mentais, formam em seu conjunto verdadeiras cidades imaginárias. Na cidade em estudo existem, segundo o mapa mental de cada coabitante, várias realidades possíveis da mesma cidade, verdadeiras cidades invisíveis, imaginárias. Essas imagens extremamente complexas possibilitam visualizar a reinvenção constante das cidades em múltiplas dimensões, conforme afirmou Pryston (2006).

A cidade de Feira de Santana é diversa em suas características, única e bastante difícil de definir. Descrevendo minhas experiências na cidade várias descobertas foram feitas, estas eram direcionadas para meu objetivo: compreender a dinâmica entre as cidades imaginárias e a real e sua relação com a paisagem urbana de Feira de Santana.

### METODOLOGIA

Para o desenvolvimento de toda a pesquisa, “Semiótica: Signos da Imagem e do Imaginário de Feira de Santana” utilizei como metodologia principal a semiótica. A cada quinze dias eram feitos encontros com todo Grupo de Pesquisa Observatório das Cidades. Para a obtenção dos resultados da pesquisa, na primeira etapa foi realizado um levantamento, seleção e análise do material bibliográfico, sobre a existência de informações referente ao tema. A fim de aprimorar a pesquisa foram realizadas, na segunda etapa, seis pesquisas em campo e dezesseis entrevistas, a colaboração destas enriqueceu a pesquisa, logo este foi um meio viável e promissor para obter informações da cidade acerca do seu passado, presente e futuro. Tentar a leitura do espaço feita pelos entrevistados, como parte da metodologia foi fascinante ao remeter a paisagem, uma importante categoria geográfica, onde fica exposto,

visível, o significado do espaço, sua imagem, focando a subjetividade dos entrevistados e as suas respectivas representações. Além disso, a criação e manutenção do blog (<http://cidaderealeimaginariadefeiradesantana.blogspot.com/>) a respeito do tema deste projeto de pesquisa é um dos resultados desta pesquisa.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Ao observar a paisagem, o que podemos captar com o olhar de maneira instantânea, que se apresenta a nos sem que se necessitasse procurar, e reflete as relações sociais, percebi que em Feira de Santana há a mesclagem do rural com o urbano, por conseguinte é interessante atentar para o fato de que a cidade se constrói e reconstrói, observando o *design* das largas avenidas como, por exemplo, a Getulio Vargas e a Presidente Dutra e veículos automotivos do ano presente, além das carroças nas mesmas aguardando junto a estes pela abertura do semáforo, são tantos olhares diversos, tantas cidades mentais existem dentro de cada protagonista dela, são diferentes contextos de tantos signos, há os que enxerguem nisto uma desordem e existe os que vêem uma organização, como por exemplo, a cidade mental relata por H. C\* .:

“Na minha mente vejo que é organizada... porque tem de um lado a Dutra aí posso dizer que é a BR, posso assim dizer, e tem do outro lado a Getulio Vargas que é a área de comercio eu sinto nisto uma organização e as áreas entre as divisórias de Getulio Vargas que é comercio e em todo o lugar que você pende parece que dá ao mesmo lugar.”

Durante as entrevistas vários foram os símbolos citados pelos por alguns cidadãos, como por exemplo: as lojas americanas (de modo específico), o comércio (de forma geral), o escudo e *slogan* adotado pela Prefeitura Municipal, o trânsito caótico, a Igreja da Matriz, o número de casas e prédios, algumas vezes os entrevistados respondiam: “de cara eu admiro muito a igreja da matriz, logo o monumento que eu fixo mais em mente é a matriz”, ou simplesmente foi-me relatado a dificuldade em transpor tal imagem na seguinte afirmação: “nunca parei pra pensar nisso”.

As cidades visíveis, concretas, usadas no cotidiano obedecem às cidades do imaginário urbano dos seus habitantes que constantemente as reconstrói pela lembrança, transformando ou criando novas *urbes*, logo nota-se que muitas e diversas cidades convivem numa mesma cidade. Através dos sentidos o ser humano constrói, se apropria e se identifica com o espaço e com o mundo. Espaço este que é apropriado pela vida, pelos sentidos dos moradores, aquele como, por exemplo, o bairro, a praça, a ruas. As casas comerciais, as escolas, igrejas, bibliotecas, praças, a feira, o Centro de Abastecimento, o Feiragui, são mais do que pontos de troca de mercadorias, de ensino ou atividades religiosas, mas são também pontos de encontro, de conversa. (Figura 1).



Figura 1: Praça da Bandeira - (Autora)

\* Foi escolhido usar as abreviações dos nomes dos entrevistados, como forma de preservar suas identidades.

A vida social urbana feirense gera conseqüências psicológicas no indivíduo que dividem os espaços das cidades para que o cidadão se “defenda” destas, ele adota uma série de comportamentos como, por exemplo, contatos superficiais, o que caracteriza a atitude *blasé*, já que os feirenses podem ter o que quiserem por troca de moeda, sem necessitar possuir um contato mais íntimo com os outros cidadãos. (SIMMEL, 1973). Apesar disto os transeuntes possuem muitos contatos durante o dia com os demais pedestres, contudo sua postura e olhar são em sua maioria de indiferença. Em minhas observações em campo notei a impaciência das de certas pessoas que ficam se olhando reciprocamente por minutos, ou mesmo por horas, em pontos de ônibus, sem dirigir a palavra umas às outras, muitas vezes com olhar de desconfiança excessiva acompanhada de certa atitude de reserva.

A paisagem permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, políticas, crenças e valores. No centro em meio ao cruzamento da Avenida Senhor dos Passos e Getulio Vargas pude me atentar para o fluxo de transeuntes, automóveis, motos e algumas vezes uma ou outra carroça, a des/obediência dos códigos de trânsito. No centro a agitação é constante, passam milhares de pessoas e veículos diariamente, a mistura de sons é inevitável, o barulho as buzinas as falas e os cochichos.

Quanto à paisagem é notável que as grandes construções de concreto se deteriorizam ao sol, chuva e vento, (Fig. 2), tanto a Igreja Católica e a Prefeitura Municipal que denotam e ostentam poder, quanto o Bob's, empresa alimentícia de grande porte, funcionando numa edificação antiga, evidenciam o contraste de Feira de Santana entre o que ela foi, é e o que deseja ser, o antigo/moderno (Fig. 3), tal circunstância pode ser vista apenas neste pequeno espaço, repleto de tantas paisagens. Ademais; os muitos letreiros das lojas demonstram a disputa de poder entre os comerciantes, se configurando numa explícita poluição visual.



Figura 2: Monumento do vaqueiro (Autora)



Figura 3: Contraste entre o antigo e moderno (Autora)

Ao continuar a observação percebi que os transeuntes ao viver neste espaço onde se contrasta de modo tão visível o antigo e moderno, ficam desorientados; não respeitam a faixa de pedestres e muitas vezes se perdem mesmo já tendo passado pelo local mais de uma vez. Ao averiguar as entrevistas constatei ser difícil o habitante viver, se apropriar, e se identificar com toda a Feira de Santana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independente das muitas formas de enxergar a Feira de Santana, a cidade das oportunidades, do comércio, do trânsito caótico, movimentada, turbulenta maravilhosa, necessária, todas estas percepções foram adquiridas por contatos superficiais ou íntimos, alheios ou diários.

Os feirenses, como parte integrante e fundamental da cidade, vivenciam a cidade de modo parcial. Os habitantes possuem relações com o espaço de vivência que não são imediatos, mas diário e a imagem percebida por eles é resumida ao ambiente em que trabalham ao lugar de moradia ou lazer. Na maior parte dos casos as avenidas e ruas se transformam em simples áreas de passagens, sem que façam uma conexão com o espaço, percebi por meio de leituras e entrevistas que a intimidade do morador com a cidade surge a partir de seu uso.

Por meio de sua vivência os indivíduos constroem mapas urbanos, utilizados para se localizarem no espaço, construídos por meio da relação de significado atribuído aos signos da paisagem; a cidade de Feira de Santana habita na mente de cada morador de modo singular. Cada habitante possui uma imagem da *urbe* diferente que apenas em uma pequena parte coincide com a cidade real. Constatei que para os feirenses não se configura num problema não conhecer a cidade como todo, todos tem seus métodos de encontrar o caminho quando estão pedidos mesmo que seja simplesmente perguntar a alguém e até mesmo ficar andando, sem solicitar qualquer informação verbal apenas observando a paisagem, até encontrar o caminho para casa.

A vivência na/da cidade de Feira de Santana contribuiu enormemente não apenas para minha compreensão em relação à própria cidade, todavia também diminuiu o grau de banalização existente em meu olhar.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. **A imagem**. Campina: Papirus, 1993.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, Vol III, 1989.
- CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CARLOS, A. F. **Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARNEIRO, N.V.B. **Travessias (in)visíveis na cidade: Anotações de uma passagem**. Tese de doutorado, 2003.
- CORRÊA, R.L. **Introdução a geografia cultural**. In: A geografia cultural e o urbano. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- FERRARA, L. D. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.
- LYNCH, K. **A Imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OLIVEIRA, C.R. **De empório a princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA, Salvador, 2000.
- OLIVEIRA, A.M.C.S. **Feira de Santana em tempos de modernidade. Olhares imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. Tese de doutorado, UFPE. Recife, 2008.
- PECHIMAN, R.M. **Cidades estritamente vigiadas; o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: casa da palavra, 2002.
- POPINO, R.E. **Feira de Santana**. Bahia. Itapuã, 1968.
- PRYSTON, A.(org.). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2006.
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).
- SANTOELLA, L. **A assinatura das coisas**. Rio de Janeiro: Experimento, 1994.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- SIMMEL, G. "A Metrópole e a Vida Mental" in: O fenômeno urbano. Textos Básicos de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Zahar, 1973.